

# O caminho da Rússia pós-soviética: as inflexões promovidas por Primakov

MARCELO PEREIRA FERNANDES

LUIZ FERNANDO RODRIGUES DE OLIVEIRA

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é demonstrar a guinada nas políticas interna e externa russa com a ascensão de Yevgeny Primakov a cargos no governo russo e como sua doutrina pragmática e multipolar se manteve desde então, culminando na formação da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX). Assinalamos que o projeto constituído a partir de Primakov apresenta uma maior inclinação para parcerias com países do Oriente no empenho contra a unipolaridade dos Estados Unidos no pós-Guerra Fria.

**PALAVRAS-CHAVE:** Primakov. Rússia. OCX. Multipolaridade.



## The path of post-soviet Russia: the inflections promoted by Primakov

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to demonstrate the shift in Russian domestic and foreign policies with the rise of Yevgeny Primakov to positions in the Russian government and how his pragmatic and multipolar doctrine has remained since then, culminating in the formation of OCX. We point out that the project created from Primakov exhibits a greater inclination towards partnerships in the East in the effort against the unipolarity of the United States in the post-Cold War.

**KEYWORDS:** Primakov. Russia. OCX. Multipolarity.

---

### MARCELO PEREIRA FERNANDES

Doutor em Economia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), docente do Departamento de Economia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), do Programa de Pós-Graduação em Economia Regional e Desenvolvimento da UFRRJ e do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
E-mail: mapefern@gmail.com

---

### LUIZ FERNANDO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade de Brasília (UnB) e graduado em Economia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).  
E-mail: lfro97p@gmail.com

---

RECEBIDO: 01/02/2021

APROVADO: 15/11/2021

## 1 Introdução

Yevgeny Maksimovich Primakov (1929 - 2015) foi um importante estadista russo que atuou nas mais diversas funções ao longo de sucessivos governos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e depois da Federação Russa (FR). Nos governos de Kruschev e Brejnev foi correspondente do jornal oficial (Pravda) para o Oriente Médio, o que o tornou um especialista nos assuntos árabes; também passou pelo meio acadêmico no qual se doutorou em economia pela Universidade Estadual de Moscou. Tornou-se membro efetivo da Academia de Ciências da URSS e da FR, além de chefiar o Instituto de Economia Mundial e Relações Internacionais (IMEMO da sigla em inglês). Sua ascensão política, no entanto, começou no governo de Gorbatchov, quando em 1989 foi escalado para presidir a câmara baixa do parlamento soviético, contribuindo com as reformas que culminaram no desmantelamento da URSS.

Pouco antes do colapso, Primakov foi remanejado para a diretoria do serviço de inteligência estrangeira da URSS, a KGB, e no primeiro mandato de Iéltsin, já como presidente da autônoma FR, participou do processo de transição para o serviço de inteligência russo, a SVR. Meses antes de Yeltsin iniciar seu segundo mandato, em 1996, Primakov foi nomeado Ministro das Relações Exteriores e, em 1998, primeiro-ministro da FR. Esses dois últimos momentos foram de inflexão política para o país. Neste artigo se irá demonstrar como as linhas gerais definidas a partir deste período são seguidas até o presente. Após ser demitido do cargo em 1999, exerceu funções de deputado federal e presidente da Câmara de Comércio e Indústria até se afastar da política e falecer em 2015.

Além desta introdução, este artigo está dividido em mais três seções. Na segunda seção analisamos a chamada “doutrina Primakov”. Na terceira seção discutimos a Rússia durante o governo de Boris Iéltsin, e a submissão perante os interesses do Ocidente que levou a fragilidade econômica e política do país, culminando com a declaração de moratória em agosto de 1998. Acontecimentos que possibilitaram a ascensão das ideias de Primakov ainda durante o governo Iéltsin. Na quarta seção tratamos da aproximação da Rússia com a China e a constituição da OCX como a materialização da “doutrina Primakov”. Concluímos com breves considerações finais.

## 2 A doutrina Primakov

A figura de Yevgeny Primakov ascende junto com a nova Rússia e irá se destacar, em um primeiro momento, por sua habilidade intelectual ao projetar os cenários para a nova arquitetura mundial que surgia com o fim da Guerra Fria, apontando os possíveis papéis que a FR poderia exercer em cada um desses contextos. Suas ideias ganharam preponderância quando passam a ser efetivadas na política externa do país, após uma fase de passividade e alinhamento aos EUA, operacionalizada por Andrei Kozyrev, ministro das relações exteriores do primeiro mandato de Iéltsin (1992 - 1996). Ao substituir Kozyrev em janeiro de 1996, Primakov realizou uma guinada na geopolítica russa. A teoria e prática por ele formuladas neste período são definidas pelo atual ministro das relações exteriores de Putin, Sergey Lavrov, como a “Doutrina Primakov” (SERGEY..., 2014).

Embora considerasse necessárias as transformações ocorridas em seu país, Primakov entendeu que a forma como este processo se deu foi equivocada, gerando instabilidade econômica e social. Sua visão foi fundamentalmente pragmática, a expressão “política é a arte do possível” era por ele cunhada em muitas oportunidades e indicava a forma como compreendia a realidade e atuava sobre ela (PRIMAKOV, 2004b). Deste modo, para que a FR preservasse seus interesses deveria se livrar dos grilhões ideológicos que o comunismo impunha para assim buscar métodos mais flexíveis de atuação política, na qual não haveria nem oponentes e nem aliados permanentes, todas as alianças deveriam variar de acordo com as circunstâncias, e os interesses nacionais seriam a única constante.

No mesmo sentido, Primakov (2004a; 2004b) entendeu o cenário internacional pós-guerra fria como uma possibilidade de um mundo em que a paz pudesse prosperar, sem uma política institucional de confronto entre dois blocos antagonísticos. Entretanto, ele nunca idealizou um mundo sem conflitos, mas na nova ordem mundial tais conflitos seriam menos políticos e ideológicos, estariam mais ligados a questões econômicas, por um lado, e étnicas e religiosas, por outro.

Porém, também havia a possibilidade de o fim da guerra fria trazer mais instabilidade para o mundo, pois:

*During that time [Cold War] the balance between the US and USSR limited some of the negative effects their policies might have had. There would be nothing and no one to provide any balance in our hypothetical unipolar world. If this world becomes a reality, the inequality between nation states will express itself mainly in antagonistic ways. Imagine for a moment, in a world utterly dominated by the US, the possibility that China might try to wrench free to form another pole and center of world power (PRIMAKOV, 2004a, p. 53 – 54).*

Assim, um dos possíveis cenários vislumbrados por Primakov (2004a; 2004b) foi que o fim da bipolaridade entre EUA e URSS poderia dar lugar a unipolaridade do lado vencedor. Isso seria pior que o antigo conflito, uma vez que, sem um contraponto que freasse as arbitrariedades norte-americanas, reações desastrosas seriam despertadas por outros países que se considerassem lesados por suas ações. Assim, o equilíbrio de forças que antes existia daria lugar ao caos no longo prazo e a FR se tornaria apenas mais uma das nações subservientes ao único polo de poder existente. Interessante notar que já em 2004, e provavelmente antes disso, Primakov percebia e especulava que a unipolaridade norte-americana poderia restaurar a bipolaridade, agora com a reação da China como uma nova superpotência.

O outro cenário, mais positivo, seria a constituição de uma organização mundial multipolar, isto é, liderada por polos de poder que se associariam e evitariam os excessos um dos outros, buscando áreas de interesse mútuo, consenso para a resolução de conflitos regionais e combatendo as novas ameaças que surgiriam no âmbito internacional, como o terrorismo e a proliferação de armas de destruição em massa (PRIMAKOV, 2004b). Tais polos seriam nações maiores e mais poderosas que garantiriam a paz e a estabilidade mundial. A Organização das Nações Unidas (ONU) deveria ser fortalecida para se colocar efetivamente acima de todo e qualquer país. Nesse segundo cenário, a FR teria importante papel como mais um desses polos de poder. Essa foi a defesa fundamental de Primakov e o que pode ser entendido como a essência de sua “doutrina”.

Com isso, a Rússia deveria trabalhar junto com outras nações relevantes para impedir as arbitrariedades dos EUA e suas intervenções unilaterais nos assuntos de nações estrangeiras com o único objetivo de defender seus interesses. Esse argumento, em princípio altruísta, esconde o grande interesse nacional russo, como percebe Bernier (2018, p. 52): “[...] *multipolarity might not have been an end in itself, but rather a well-calculated means for getting to an even more important end: Russia becoming a legitimate great power again*”. Na visão desse autor o objetivo de Primakov seria demonstrar que os EUA representam instabilidade para o mundo, enquanto a Rússia pode ser um ator importante o qual, em parceria com outros, preservaria um sistema mais estável. No entanto, acabaria por surgir um novo conflito a partir disso, de um lado, os norte-americanos e seus satélites buscariam sustentar a antiga hegemonia e, de outro, a FR em articulação com outros polos de poder tentaria construir uma nova hegemonia mais representativa.

Inicialmente Primakov (2004a; 2004b) identificava dois grandes países fora do eixo ocidental e não alinhados com os EUA como potenciais aliados para tal empreitada, a China e a Índia. Suas projeções são sintetizadas assim:

*Two scenarios can be outlined for the first decade of the twenty-first century. The first scenario: Supporters of the unilateral approach prevail in the 316 afterword United States. Fundamental decisions are made without consultation with the U.N. and with disregard for the positions of the majority of nations and the opinion of the major part of the world population. Even now that Europe is more independent than before and many of the United States' Cold War allies disagree with its position, the United States launches its forces not only against terrorists but also against disobedient regimes and disadvantageous situations. The U.N. becomes only one international organization among many. Russia finds itself with no voice in the resolution of world problems. Inevitably its internal and foreign policies become tougher as it looks for partners in its efforts to break out of isolation and protect its interests. It finds those partners in China and India. The result is a new post-Cold War confrontation. It is not necessarily a global conflict, but its effects are felt throughout the world (PRIMAKOV, 2004b, p. 316 - 317).*

Portanto, apesar de afirmar não haver mais inimigos permanentes, Primakov (2004b) enxergou os EUA como a maior fonte de ameaça no caminho de um mundo mais pacífico. Com o fim da guerra fria, o sentido natural para as relações internacionais seria a multipolaridade, dado que a URSS e seus aliados mais próximos já não existem, os países que antes se sentiam ameaçados pela expansão do bloco socialista agora não necessitam da proteção dos EUA, de maneira que este próprio país tende a perder influência e sua resistência contra esse processo o obriga a agir de forma cada vez mais agressiva. Não que um sistema multipolar sustentado pela ONU garantisse a completa paz, para Primakov (2004b) o uso da força deve ser feito em determinados casos como última opção, mas apenas com o respaldo do conselho de segurança da ONU (CS-ONU), o qual, vale destacar, a Rússia possui assento permanente e poder de veto.

Isso posto, além de pragmático, Primakov (2004a; 2004b) se destacava por seu nacionalismo. Podemos colocá-lo, dentro da tradição da economia política internacional (EPI), na chamada “escola mercantilista”. O mercantilismo encara a economia mundial como a arena de competição entre estados que buscam maximizar seu poder. Assim, na sua percepção, a Rússia pós-soviética deixou seus interesses vitais em segundo plano para ser aceito e integrado ao suposto mundo civilizado ocidental a qualquer custo. A melhor saída para a encruzilhada que o país se encontrava consistiria em buscar um meio termo entre aqueles que desejavam o retorno da bipolaridade da guerra fria e aqueles que desejavam uma nova ordem mundial com os EUA como único polo hegemônico. Para tal, a Rússia deveria defender os seus interesses em primeiro lugar e contribuir para a estabilização da ordem mundial.

De acordo com Primakov (2004b) os interesses vitais da FR englobariam a garantia da integridade territorial e a estabilidade em suas fronteiras, a manutenção da sua primazia sobre os países da Comunidade dos Estados Independentes (CEI) e a necessária integração do país ao sistema mundial surgido com o fim da guerra fria (PRIMAKOV, 2004b). Diante disso, foi entendido que *“The model of a market democracy remains the right choice for Russia. However, it must receive support from the state, which*

*creates a competitive, orderly, predictable and transparent environment"* (PRIMAKOV, 2004b, p. 253). Ademais, para executar com excelência esses objetivos uma política externa ativa e independente se fazia necessária. A FR não poderia ser bem-sucedida em suas reformas internas, abandoando suas aspirações externas e perdendo influência internacional. A atuação por dentro e por fora precisariam ser articuladas de forma permanentemente propositivas para que os interesses nacionais russos fossem alcançados.

### **3 A Rússia pós-soviética e seus dois pontos de inflexão**

Com a desintegração da URSS coube a FR a herança de todos os seus acordos e compromissos internacionais, inclusive toda a dívida externa soviética recaiu sobre seu colo. Não obstante, a Rússia herdou a cadeira pertencente à URSS no CS-ONU, a qual lhe conferia poder de veto sobre as decisões da instituição, de modo que parte do legado geopolítico da extinta superpotência mundial estava em suas mãos, cabendo a si a tarefa de dar algum prosseguimento. Entretanto, após o colapso econômico e social os dirigentes russos consideraram que a primeira tarefa seria a reorganização interna, agora sob moldes capitalistas.

No plano da política externa a linha do governo Iéltsin vinha sendo marcadamente passiva com o ministério das relações exteriores comandado por Andrei Kozyrev. Focado nas reformas internas e na reestruturação da economia, a grande prioridade externa foi a integração da Rússia ao Ocidente, porém, como destacam Pecequillo e Luque (2016, p. 03): “Ainda que a maioria dos analistas use o termo ‘cooperação’ para se referir à relação entre a presidência Yeltsin e o Ocidente [...] o que se observou foi a subordinação e alinhamento”. Uma situação emblemática ocorreu em 1994, quando Kozyrev pediu ao ex-presidente dos EUA, Richard Nixon, ajuda para formular os interesses nacionais russos, o que, para Zhebit (2019, p. 424), “[...] dizia muita coisa sobre o estado da desorientação e da fragilidade do poder estatal, mas, sobretudo, sobre a inclinação da nova liderança da Rússia a se adequar à ordem mundial unipolar, liderada pela superpotência remanescente”, numa tentativa desesperada e ingênua de conseguir apoio financeiro e diplomático do lado vitorioso:

A presidência de Boris Yeltsin foi marcada por uma surpreendente “ingenuidade” da alta cúpula russa, que dizia acreditar nas boas intenções dos dirigentes americanos e europeus. Esta “ingenuidade” foi firmemente mantida pelos dirigentes russos pelo menos até 1996, a despeito de seus resultados catastróficos em termos geopolíticos para a Rússia. O presidente Boris Yeltsin não cansava de repetir que a Rússia e os Estados Unidos tinham muitos interesses em comum (SERRANO; MAZAT, 2012, p. 14).

Claramente tal alinhamento não se mostrou favorável para a Rússia. Os reais interesses do ocidente ficaram explícitos na medida em que a União Europeia (UE) e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) avançavam em direção ao leste, tomando conta das antigas áreas de influência soviética. Os primeiros casos foram a incorporação de Hungria, República Tcheca e Polônia no pacto militar e a instalação de sistemas de defesa antimísseis nestes dois últimos, demonstrando uma afrontação à FR. Para Pecequillo e Luque (2016, p. 04), os principais objetivos com isso foram “a possibilidade de estrangulamento russo, a geração de instabilidade política, a ocupação de vácuos de poder e o acesso aos recursos eurasiáticos, principalmente gás e petróleo, commodities essenciais para o Ocidente”.

Neste contexto, em 1996, o governo Iéltsin realizou um realinhamento externo com a substituição de Kozyrev do ministério das relações exteriores por Primakov, o que representou o primeiro ponto de inflexão da Rússia pós-soviética ao romper com a estratégia de acomodação com o ocidente. No primeiro ano de sua gestão, as relações exteriores do país ganharam novo impulso. O marco inicial foi a criação do grupo chamado “Cinco de Xangai” (Rússia, China, Cazaquistão, Quirguistão e Tadjiquistão),<sup>1</sup> uma organização de caráter político e militar. Essa iniciativa cumpria dois objetivos fundamentais da “doutrina Primakov”: retomar a parceria com países da antiga zona de influência soviética, em particular com os países surgidos com a dissolução da URSS, e se

---

1 Com a entrada posterior do Uzbequistão passou a se chamar Organização para a Cooperação de Xangai (OCX).

aproximar da China. A oposição contra o avanço da OTAN para o leste também passa a se tornar mais enérgica, quando Primakov afirmou haver uma linha vermelha onde a organização estava e de lá não poderia ultrapassar sem representar séria ameaça à segurança nacional russa.

No plano interno, o objetivo do governo Iéltsin foi realizar uma série de privatizações e desregulamentações necessárias para a consolidação do capitalismo no país, seguindo as recomendações do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial (BM), tais reformas ficaram conhecidas como “terapia de choque”.<sup>2</sup> Este tratamento consistia num programa de transição rápida de uma economia de comando centralizado e baseada na propriedade pública dos meios de produção para uma de mercado descentralizado e baseada na propriedade privada.<sup>3</sup>

Conforme Pomeranz (2004), o projeto se dividia em duas fases. Primeiro uma sequência de reformas a fim de criar as condições necessárias ao desenvolvimento dos mercados, são elas: liberalização de preços, da abertura comercial e financeira e estabilização macroeconômica ortodoxa, isto é, forte contração fiscal e monetária a fim de combater a esperada pressão inflacionária resultante de uma economia que se acreditava estar com excesso de liquidez. Por fim, era necessária uma ampla reforma institucional e administrativa, criando um novo marco regulatório garantidor de direitos de propriedade, o que viabiliza a segunda fase, o programa de privatização em massa dos meios de produção com o objetivo de criar uma classe proprietária responsável pela nova dinâmica da economia.

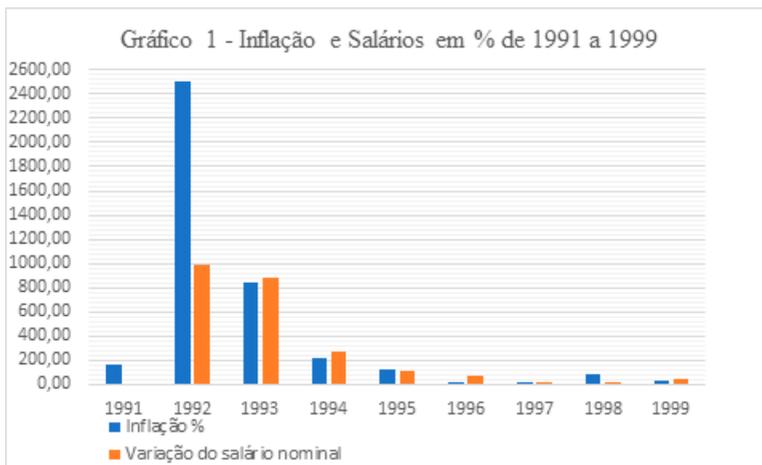
Os resultados do programa foram catastróficos para a economia nacional, a começar pelo impacto da liberalização dos preços sobre a inflação em 1992, que cresceram aproximadamente 2500% no ano. Como Serrano e Mazat (2017) apontam, o *boom* inicial da inflação se deu pelo excesso de demanda numa situação de

---

2 “A primeira equipe de governo de Iéltsin era majoritariamente composta por jovens políticos ocidentalistas, os quais defendiam a liberalização econômica em seu patamar mais radical, pois somente assim o país ultrapassaria etapas para alcançar o padrão de vida europeu o mais rápido possível” (ALVES, 2011, p. 41).

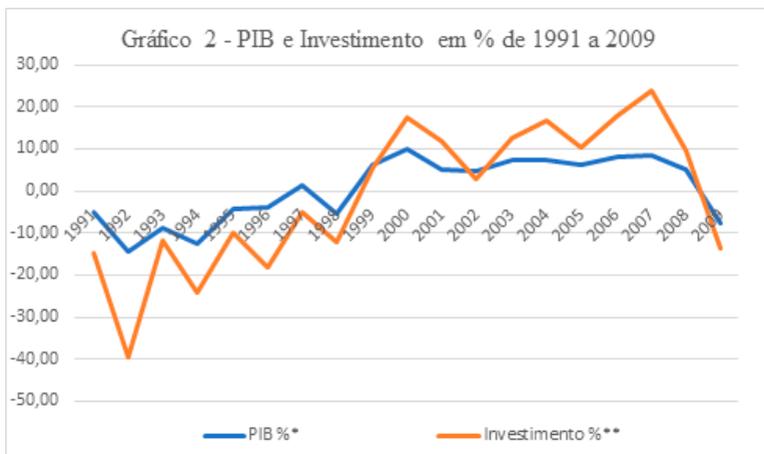
3 No entanto uma série de importantes mercados permaneceram oligopolizados.

escassez de produtos, mas sua persistência ocorreu pelas desvalorizações cambiais provenientes da fuga de capitais causada pela rápida abertura financeira. Outro fator foi o reajuste dos custos, principalmente pela tentativa da classe trabalhadora de recuperar seu poder de compra, pressionando aumentos dos salários nominais que, todavia, não foram suficientes para manter o salário real (cf. gráfico 1). Com a política fiscal restritiva, em uma economia baseada no gasto público, cai fortemente a demanda agregada, especialmente o investimento<sup>4</sup> que encolhe 39,7% de 1991 para 1992 e seguiu em declínio até 1999 (cf. gráfico 2). A queda do gasto público, do consumo das famílias (por meio da queda dos salários) e do investimento pelo lado da demanda causaram uma queda do PIB de 14,5% em 1992, entre 1991 a 1998 a queda acumulou 51% em valores nominais.



Fonte: FSSS (2019).

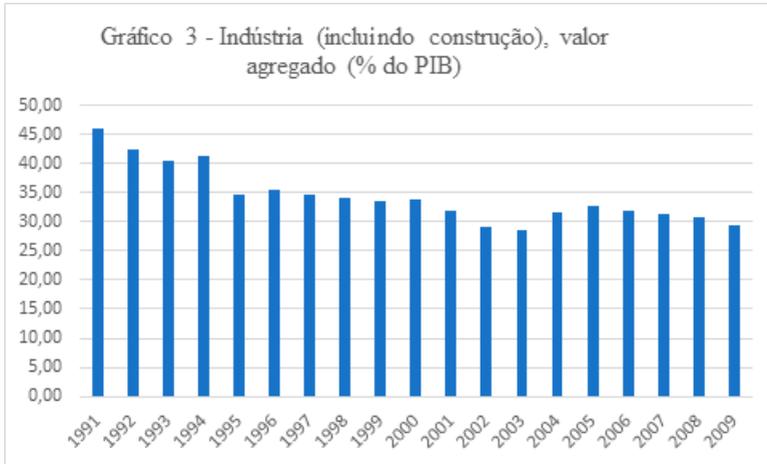
4 Os bancos privados que foram surgindo não financiavam as empresas russas, alocando sua capacidade financeira para especulação cambial e para compra de títulos da dívida pública, dado que as taxas de juros estavam mais rentáveis que qualquer investimento produtivo devido à política monetária contracionista.



Fonte: BM (2019); BOFIT (2019).

Cumprir destacar a queda descomedida de uma rubrica do gasto do governo que historicamente tinha grande participação na despesa total por sua necessidade estratégica: o gasto militar caiu 78,62% de 1990 para 1992 em termos reais (SIPRI, 2019), ocasionando perda da competitividade militar do país, reforçando os EUA como potência militar hegemônica.

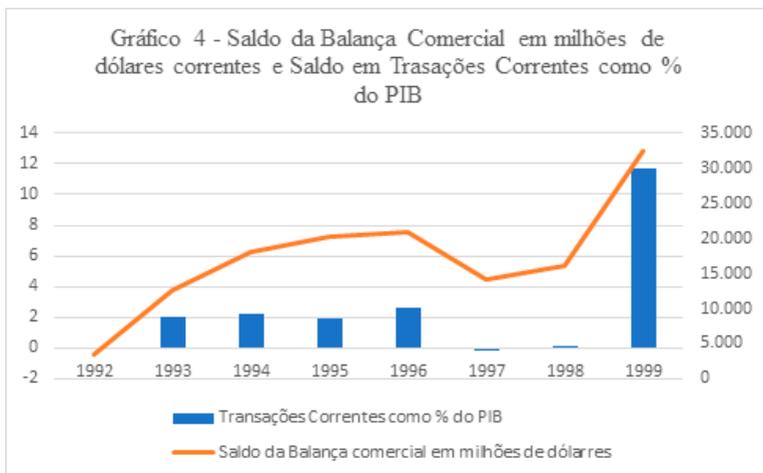
Pelo lado da oferta, podemos perceber no gráfico 3 como o setor industrial foi duramente atingido, perdendo valor em termos absolutos e em relação ao PIB. Deste modo, um país até então considerado potência industrial passa por um forte processo de desindustrialização. Além da redução da demanda interna, Mazat (2013) indica outro fator importante: a concorrência internacional. A abrupta abertura comercial para um complexo manufatureiro desenvolvido com altos níveis de proteção não foi páreo para a concorrência das empresas capitalistas consolidadas no mercado mundial. Somado a isso, o esfacelamento do bloco socialista acabou com o acesso privilegiado da FR aos mercados dos antigos países que o compunham, de forma que as exportações de produtos de maior conteúdo tecnológico e valor agregado diminuíram, lhe restando as commodities, principalmente petróleo e gás natural, como principais itens de exportação.



Fonte: BM (2019).

Portanto, o país se inseriu na divisão internacional do trabalho capitalista com características de um país subdesenvolvido, tornando-se dependente da exportação de produtos de baixo teor tecnológico e alta volatilidade de preços, e necessitando importar grande quantidade de produtos industrializados de alto valor agregado.

Em 1996 houve um acelerado e controverso processo de alienação de empresas estratégicas por parte do governo sob a justificativa de necessidades financeiras. Tais empresas foram adquiridas por um restrito círculo de aliados de Iéltsin (POMERANZ, 2004). Porém, as privatizações não foram capazes de trazer a saúde financeira que o governo esperava, principalmente por não atacar o problema da dívida externa. Com a crise Asiática em 1997 e a queda da demanda internacional pelo petróleo, a Rússia viu escassear uma de suas principais fontes de divisas a qual, somada ao movimento de fuga de capitais, - que ocorrera por conta do temor dos especuladores internacionais diante da instabilidade econômica regional - deixou o país à beira da insolvência. Como se vê no gráfico 4, naquele ano o saldo da balança comercial apesar de se manter positivo tem forte queda e o saldo em transações correntes cai para patamares negativos.



Fonte: Central Bank of the Russian Federation (2019).

No dia 16 de agosto de 1998 diversos bancos russos amanheceram insolventes, e o governo precisava de US\$ 4 bilhões para honrar dívidas atrasadas de pensões e salários. A equipe econômica tentou contornar o problema recorrendo à empréstimos do FMI que não foram suficientes para sanar tais desequilíbrios e, como um segundo pedido mais ambicioso à Instituição não foi atendido, no dia 17 de agosto Iéltsin se viu obrigado a declarar calote sobre a dívida interna e moratória sobre a dívida privada externa naquele mesmo ano, o que se desdobrou em uma crise cambial em 1998. O FMI exigia o aprofundamento das reformas neoliberais para a liberação de empréstimos.

Entretanto, a Rússia tomou outro rumo. Yéltsin foi pressionado a substituir seu primeiro-ministro por Primakov, prestigiado pela sua atuação no ministério das relações exteriores e por ser um destacado crítico da “terapia de choque”<sup>5</sup>. A partir disso, nota-se um fortalecimento da estratégia iniciada em 1996 agora aplicada também no plano interno. Se o ponto de inflexão da política externa russa se

5 Após o parlamento rejeitar duas vezes a indicação do liberal e ex-primeiro-ministro Chernomyrdin para retornar ao cargo, Iéltsin e sua cúpula concluíram que o único nome com alguma proximidade do governo capaz de ser aceito no congresso era Primakov, numa tentativa de acalmar os ânimos da forte oposição parlamentar encabeçada pelo Partido Comunista da Federação Russa (PCFR) (cf. Tsitkilov, 2000).

deu com a chegada de Primakov nesta pasta, o mesmo ponto para a política interna se deu dois anos depois com a ascensão do mesmo homem à posição de primeiro-ministro. Apesar de estar submetido a Iéltsin e declarar publicamente que qualquer medida só seria aplicada com aval do presidente, a política neoliberal foi abandonada e a intervenção estatal voltou a ter importância para estimular o desenvolvimento econômico, como Primakov defendia em sua doutrina.

Como o próprio Primakov destacou, a sua primeira tarefa ao assumir o poder executivo foi reestruturar o setor bancário que vivia do rentismo e da especulação e redirecioná-lo para o financiamento da atividade produtiva, especialmente do setor industrial (PRIMAKOV, 2004a; 2004b). O sentido das políticas fiscal e monetária foram alterados. O gasto público foi retomado como indutor do crescimento e as taxas de juros foram reduzidas. E, ao contrário do que esperavam os economistas do FMI, não houve aumento da inflação: o índice desacelerava para 36,53% ao ano em 1999 contra 88,43% no ano anterior (cf. gráfico 1). Em suas palavras:

*Going against the opinion of the IMF and previous practice, the government began mutual debt payments between the budget and enterprises, which quickly freed up 50 billion rubles. The fact that mutual payments were made through the Treasury rather than the commercial banks prevented the flight of financial resources (PRIMAKOV, 2004b, p. 223).*

Como resultado da emissão monetária, com alguma mobilidade de capitais e câmbio flutuante os juros caíram e a trajetória de desvalorização cambial se aprofundou, o que contribuiu para o aumento da competitividade da combalida indústria russa, e permitiu que parte do que era importado fosse substituído pela produção doméstica:

*Many found it beneficial to represent this development as exclusively a consequence of the devaluation of the ruble, which indeed pushed the growth of the export sector of industry. The need for import substitution also played a role when the volume of finished imported goods declined after the crisis of August 1998. But the measures we took to exploit this favorable state of affairs were decisive for progress in the economy (PRIMAKOV, 2004b, p. 226).*

Em confronto com as recomendações do FMI, Primakov restringiu a mobilidade de capitais, obrigando as empresas russas a internacionalizarem ao menos 50% das suas divisas a fim de gerar reservas e combater ataques especulativos contra o rublo, também indexou o salário-mínimo à inflação em abril de 1999. O cenário econômico mostrou mudança significativa a partir de então. O investimento cresceu em 5,3%, revertendo o longo movimento de queda. O PIB também mudou seu sentido, na magnitude de 6,4% em termos reais, mesmo após sua saída, e até a crise mundial de 2008, tais indicadores permaneceram nessa direção.

No cenário externo a balança comercial russa apresentou um superávit de 32,4 bilhões de dólares, quase 100% maior que o superávit do ano anterior, mesmo com queda de 6% no valor das exportações, compensado com a queda de 35% das importações (CBRF, 2019), isso demonstra a magnitude do processo de substituição de importações referido por Primakov. Em seguida, a valorização das commodities exportadas pela FR sustentaram o crescimento. Contudo, Primakov defende que esse não foi o fato gerador da retomada:

*Attempts to explain this turn for the better by pointing to the rise in world oil prices are groundless as well. The economy stabilized and was moving ahead before oil prices shot upward. The increase in oil prices began in March 1999 and its main effects were felt after I left office (PRIMAKOV, 2004b, p. 227).*

As bases criadas a partir de então assentaram a economia nacional para os governos seguintes:

É notória a contribuição decisiva do governo sob a chefia de Primakov (1998-1999) para a recuperação econômica após a crise financeira de agosto de 1998 [...] ressalta-se que a política econômica dos governos posteriores, sob a direção de Vladimir Putin, se beneficiou indiscutivelmente da estabilização, lograda mediante o programa anticrise de Primakov (ZHEBIT, 2019, p. 425).

Do ponto de vista das relações exteriores a agenda multilateral e contra hegemônica prosseguiu e se aprofundou. Ainda, foi em 1999 que ocorreu o ato mais simbólico para o reposicionamento

geopolítico da FR, quando as tropas da OTAN bombardearam a Iugoslávia por conta do impasse sobre o Kosovo, desconsiderando a opinião russa e passando por cima das instâncias de deliberação da ONU. Isso para Primakov era inadmissível<sup>6</sup>. Neste instante, o então primeiro-ministro viajava em direção aos EUA para tratar de negócios com o governo norte-americano, ao saber da decisão em favor do ataque armado decidiu, como ato de retaliação, alterar a rota do avião para retornar à Rússia (GODZIMIRSKI, 2005). O famoso episódio ficou conhecido como “inversão da marcha sobre o Atlântico” e de “laço de Primakov”, representando a primeira ação incisiva da FR contra os empreendimentos dos EUA fora de seu território desde o fim da URSS. Como confirmam Pecequillo e Luque (2016) esta posição foi distinta de tudo o que ocorria antes e recolocava a FR como uma alternativa aos países que estão em desacordo com Washington, objetivando reaproximar antigos aliados, como é o caso dos sérvios, e posteriormente criar novos. Portanto, a crise econômica de 1998 acelerou um processo que já estava em curso desde a entrada de Primakov como ministro das relações exteriores.

## **4 A parceria estratégica com a China e a constituição da OCX**

### 4.1 A Parceria estratégica com a China

Rússia e China iniciaram parceria com a vitória da revolução chinesa em 1949, tendo a então URSS contribuído na reconstrução da China nos primeiros anos. Essa parceria foi abalada após o XX Congresso do PCUS quando Krushev iniciou o processo de “desestalinização” do Estado e vários pontos de desacordo foram abertos a partir de 1957, tendo a questão ideológica peso crucial (DUEBEN, 2013). Divergências entre os dois países levaram a conflitos na fronteira nas proximidades do rio Ussuri em 1969 e então passaram a se posicionar em lados antagônicos, com a China se aliando com os EUA. Só no fim da Guerra Fria os dois países se reaproximaram.

---

<sup>6</sup> De acordo com Primakov (2004a, p. 50), “NATO’s intervention in Kosovo effectively supported those working to create an extremist Islamic state in the center of Europe”.

Contudo, no imediato pós-guerra fria, Rússia e China ainda tinham perspectivas bastante distintas quanto às suas respectivas inserções no cenário internacional. Como vimos, sob Iéltsin a FR escolheu o caminho de se unir à liderança do Ocidente, aspirando o reconhecimento de aliada. Ao contrário, a China sob os impactos do episódio na praça Tiananmen e com o fim do bloco socialista encontrava-se numa situação de semi-isolamento (KACZMARSKI, 2015). No entanto, o fracasso das políticas internas e externas adotadas pela Rússia e as movimentações da OTAN enfraqueceram as estratégias até então adotadas e, com isso, Primakov ganhou espaço para reorientar a política externa russa e se voltar ao Oriente,<sup>7</sup> especialmente para a China. No seu primeiro ano na pasta, em 1996, essa reaproximação ganhou corpo quando foi declarada a “parceria estratégica” assinado por Iéltsin e Zemin. A parceria teve como ideia norteadora o princípio da multipolaridade<sup>8</sup> e o fortalecimento da ONU como órgão responsável pela mediação das relações internacionais. Em 1997 os dois governos fizeram uma declaração conjunta contra a expansão da OTAN, e no ano seguinte Primakov preconizou uma aliança entre Rússia, China e Índia (ADAM, 2012) como a efetivação mais genuína de sua “doutrina”.

Com o fim do governo Iéltsin e a saída de Primakov do governo, Vladimir Putin assumiu a presidência do país e na prática começou a colocar as ideias de Primakov em ação. É simbólico que sua primeira visita internacional tenha sido a China, dando indícios de que as diretrizes construídas anteriormente não seriam abandonadas. Em 2001 foram dados mais dois passos nessa mesma direção. O primeiro foi a assinatura do Tratado de Boa Vizinhaça, Amizade e Cooperação entre as duas nações, o que para Dueben (2013) representou um marco da parceria, objetivando resolver contradições sobre as fronteiras, firmar um pacto de

---

7 “Na prática, desde o fim da URSS, o vetor ocidental da política externa russa continua com maior peso nos cálculos do país do que o oriental, mesmo que esta diferença tenha diminuído sensivelmente nos últimos anos e tenda a continuar caindo” (ADAM, 2012, p. 58).

8 “Esse termo aparece na grande maioria das declarações conjuntas e sofre pouca alteração nos vinte anos da parceria” (MATTOS, 2018, p.96).

não agressão, parcerias militares e cooperação dentro de instituições financeiras internacionais (ADAM, 2012). O segundo passo foi a criação da OCX, surgida a partir do fortalecimento dos Cinco de Xangai, durante a gestão Primakov em abril de 1996, mais o Uzbequistão. Desde então a parceria vem se aprofundando. Foram criadas mais de 80 instituições que discutem desde questões de economia e política internacional até questões sociais e culturais (MATTOS, 2018).

No plano econômico essa parceria tem se mostrado intensa. Em relação ao fluxo de capitais, a Rússia recebeu grande volume de investimentos chineses, em especial para infraestrutura de transporte para o setor de óleo e gás (SCHUTTE; DEBONE, 2020). Esses recursos minerais se mostram de suma importância para a FR como já indicamos, uma vez que constitui o principal item de sua pauta exportadora.<sup>9</sup> Dessa maneira, os investimentos chineses foram importantes para a modernização da indústria extrativa russa. Esta perspectiva setorial e intervencionista é compartilhada por Primakov e Putin (PEREIRA, 2013), já que o governo russo voltou seu foco para o setor de óleo e gás, em que o Estado atua com incentivos e forte regulação para garantir que as receitas provenientes desse setor sejam repassadas para outros setores estratégicos da indústria. Neste sentido, a China além de atuar como financiadora, opera como importante compradora de energia russa, como ressalta Nozaki, Leão e Martins (2011), pois precisa desses insumos para sustentar seu crescimento baseado na indústria.

No que se refere à exportação de bens industrializados chineses a situação se inverte, e a Rússia aparece na situação de importadora, de modo que se observa a complementariedade nas relações comerciais de um lado, e de outro as vantagens da economia chinesa sobre sua parceira:

---

9 Como o próprio Primakov (2004b, p. 07) afirma: *"Inadequate attention to exploration for natural resources and to modernization of extraction processes may sharply reduce Russia's competitiveness in this area very quickly. Without new approaches in economic policy, Russia's industry, with its obsolete framework, both moral and physical, will also fall into hard times"*.

Existe, porém, dupla assimetria. A primeira é o déficit comercial que a Rússia passou a ter com a China a partir de 2000. A segunda é que o comércio entre os dois países tem para a China um peso muito inferior ao que tem para a Rússia. [...] Estima-se que aproximadamente 70% das exportações da Rússia para a China sejam do setor de energia, enquanto as exportações da China para a Rússia são majoritariamente de maquinário, entre os quais equipamentos de exploração de petróleo negados pelo Ocidente a partir das sanções iniciadas em 2014 (SCHUTTE; DEBONE, 2020, p. 40).

Todavia, existe um setor altamente sofisticado em que a China é importadora expressiva da Rússia: o setor bélico, que, como vimos, foi de grande peso para a economia soviética, abandonada nos primeiros anos do governo Iéltsin e retomada com Primakov, segue possuindo grande relevância para os governos que o sucederam. A China – que passou a sofrer um embargo dos EUA e União Europeia a partir de 1989 – com a perspectiva de modernização do seu setor militar em vistas de se afirmar enquanto potência mundial encontrou na Rússia sua aliada ideal. Esta, por sua vez, encontrou na China demanda para o setor mais sofisticado de sua estrutura produtiva. Além do aspecto econômico, essa combinação tem um lado político como destacou Adam (2012), uma vez que a FR busca fortalecer e aproximar um Estado não alinhado a OTAN, criando condições para exercícios militares conjuntos.

Ao passar do tempo a parceria se aprofundou substancialmente. Mattos (2018) destaca como a cooperação entre os países se estendeu para além do comércio e defesa, contemplando a esfera financeira e de tecnologia da informação, o que oportunizou maior correspondência entre as suas respectivas moedas. Apesar das contradições e assimetrias existentes, a parceria estratégica sino-russa demonstra incontestáveis benefícios econômicos mútuos. No âmbito político o fortalecimento bélico é apenas uma faceta da estratégia, como destacado acima, a ideia norteadora da parceria é a defesa da multipolaridade e sua principal área de atuação é na ONU. Especialmente a atuação conjunta se dá no CS-ONU, no qual se tomam as decisões mais críticas da Instituição. Segundo Schutte e Debone (2020, p. 44), “Entre 2007 e meados de 2019, a China e a

Rússia agiram de maneira conjunta para vetar nove resoluções no CS-ONU, sendo seis delas sobre a Síria e uma sobre a Venezuela". A maioria desses vetos se refere a não interferência externa ocidental em questões políticas internas de países soberanos, o que coloca Rússia e China como contrapontos ao polo norte-americano a fim de garantir um equilíbrio de forças mais estável nas relações internacionais. O conceito de Política Externa da Federação Russa, publicado em 2013, exprime essa ideia "*Russia regards the fact that the two countries [Russia and China] share the same fundamental positions on key global issues as one of the core elements of regional and global stability*" (FERDERAÇÃO RUSSA, 2013, [s.p.]).

Ademais, como Mattos (2018) observa, existem quatro pontos que balizam as declarações conjuntas dos dois países, que foram muitas desde a instituição da parceria estratégica em 1996, três delas foram delineadas nas linhas acima, a saber: a defesa da multipolaridade, da não interferência em assuntos internos de países soberanos e a questão da segurança. O quarto ponto diz respeito ao rechaço da chamada política de blocos, que seria a política em vigor durante a guerra fria na qual dois blocos bem-organizados se mantêm em permanente conflito e sabotagem. Segundo o autor:

[...] é importante lembrar que a parceria sino-russa não funciona como um alinhamento típico da Guerra Fria (GF). A parceria tem características de maior flexibilidade entre as partes, analogamente a dois veículos em uma mesma estrada e não dois passageiros de um mesmo veículo (MATTOS, 2018, p. 116).

Ora, essa é a mesma visão que Primakov teve ao considerar o fim da guerra fria como algo positivo para o mundo, e não só isso, de que as parcerias devem possuir ampla flexibilidade, uma vez que apenas os interesses são permanentes, não os aliados.

A parceria sino-russa vem permanecendo e se fortalecendo primordialmente pela força da conjuntura, como percebe Nozaki, Leão e Martins (2011, p. 213) "a despeito dos interesses existentes em ambos os países para o fortalecimento das suas relações bilaterais, as transformações da conjuntura internacional interferiram

diretamente no processo de aproximação entre eles". Parece que a motivação para essa aliança é mais a rejeição ao Ocidente e menos a proximidade de agendas. De toda forma, a parceria sino-russa vem de fato estruturando a nova correlação de forças mundial e impedindo as arbitrariedades dos EUA como previu Primakov.

#### 4. 2 A constituição da OCX

Como já exposto, a OCX (ou SCO da sigla em inglês) surgiu em 2001 a partir dos Cinco de Xangai, com a incorporação do Uzbequistão à colisão com o objetivo de reaproximar países da antiga URSS com as duas maiores potências da região: China e Rússia. São múltiplas as áreas de cooperação da organização, com destaque para economia e segurança. No primeiro caso, os focos são a promoção do comércio regional e investimentos em infraestrutura de transportes e, no segundo, o combate ao terrorismo, extremismo e tráfico de drogas; o respeito a diversidade cultural e a soberania das nações também fazem parte importante da agenda da organização (FEDERAÇÃO..., 2013).

A criação desta organização teve seu ponta pé com a chegada de Primakov e foi um importante passo dado pelo Kremlin em sua estratégia para fortalecer o vetor oriental de suas relações exteriores. Os canais de diálogo e o conhecimento que Primakov havia conquistado quando viveu como correspondente soviético na Ásia o ajudou a costurar essa correlação de forças. A partir de 1996, quando ele assume o ministério das relações exteriores, nota-se como a aproximação russa desses países passa a ser fortalecida por meio da defesa da identidade eurasiática do país. A partir desse momento os documentos oficiais da federação retomam esta retórica (FAS, 1997). Essa identidade em comum com os demais países da OCX foi o que permitiu a aceitação e fortalecimento da organização entre a população dos países, contrapondo-se aos valores ocidentais que podiam minar a influência russa na região. Logo, *"In this context, special emphasis is placed on enhancing the role in regional and global affairs of the SCO whose constructive influence on the situation in the region as a whole has significantly increased"* (FEDERAÇÃO..., 2013, [s.p.]).

Posteriormente, a OCX continuou a se expandir incorporando Índia e Paquistão em 2015, além de possuir atualmente Afeganistão, Belarus, Irã e Mongólia como membros observadores e Armênia, Azerbaijão, Camboja, Nepal, Turquia e Sri Lanka como parceiros de diálogo. Com isso, nota-se a articulação cada vez mais ampla que a organização vem criando na Ásia Central e agora se aproximando de países que não possuem alinhamento político com os EUA, como Turquia e Belarus. O maior destaque, porém, é a incorporação da Índia, país importante na Ásia para a correlação de forças mundial pela dimensão das suas fronteiras, poderio militar e econômico; desta maneira a OCX passa a compreender todos os países do triângulo estratégico defendido por Primakov.

Com a ampliação da quantidade de membros, Ribeiro (2015) acredita que a organização pode estar ingressando em uma nova fase, na qual seus objetivos seriam mais amplos e ousados, tanto no sentido econômico e de segurança, como no sentido político. O autor nota que essa expansão pode beneficiar a Rússia no balanço de forças, seja com a China, seja com o resto do mundo.

No que se refere à relação entre China e Rússia, por mais que estejam alinhadas contra o unilateralismo dos EUA, existe contradições entre os dois países. A acelerada ascensão chinesa poderia garantir sua primazia na OCX, caso seu poder não fosse diluído com a entrada de mais países. Esta contradição entre as duas lideranças pode ser percebida na diferença de prioridades que pretendem dar para a organização; enquanto a Rússia enfoca na cooperação militar, a China põe mais peso na questão econômica, e assim os dois jogam com o que possuem de melhor para oferecer.

Já na área econômica existe um interesse comum na integração comercial e financeira da região, em especial pela sua grande capacidade energética. Além da Rússia, Cazaquistão, Quirguistão, Tadjiquistão e Uzbequistão possuem abundantes reservas de óleo e gás, a China, por outro lado, constitui um grande mercado consumidor para esses bens. Isso permite contratos exclusivos de comércio e circulação de hidrocarbonetos, principalmente para a Rússia. Deve-se ter em vista que muitos oleodutos e gasodutos que foram construídos na era soviética ainda estão em operação, mas

agora cada parte pertence a um país diferente, de modo que para a Rússia conseguir transportar tais produtos para seus clientes necessita da cooperação de todos os países envolvidos, tornando ainda mais fundamental para o Kremlin a busca de boas relações com tais governantes. Ademais, uma articulação em torno da oferta de energia pela OCX é capaz de influenciar o funcionamento desse mercado no âmbito mundial.

Contudo, apesar da cooperação econômica e das contradições internas, as questões externas acabam ganhando preponderância, isto é, a OCX tem implícito como seu maior objetivo conter o avanço do Ocidente, principalmente dos EUA, sobre a região. Sobre isso, Ribeiro (2015) evidencia o mais importante caso que exemplifica este objetivo maior, a contundente exigência da organização pela retirada das bases militares norte-americanas da Ásia Central, o que demonstra sua capacidade de barganha e seus interesses políticos de forma mais explícita. Com isso, o Kremlin consegue aglutinar forças que sozinho não possui para contrabalançar o poder dos EUA e barrar seu avanço sobre a zona de influência russa, o que não havia obtido na década de 1990. Entretanto, para isso foi preciso reconhecer o aumento da influência de outras potências na região, como China, Índia e Paquistão, agindo de acordo com “a arte do possível”, como dizia Primakov, para defender um de seus interesses primordiais após o vaco político deixado com o fim da URSS.

## **5 Considerações finais**

Após a nomeação de Primakov para o ministério das Relações Exteriores e depois como primeiro-ministro, a Rússia iniciou uma mudança de rumo que foi se aprofundando desde a vitória de Putin nas eleições de 2000. Analisando a evolução da FR desde então é nítido que a doutrina de Primakov foi vitoriosa no sentido de recolocar o país numa posição de destaque no cenário político internacional, ainda que no plano econômico o país ainda possua fragilidades estruturais e esteja distante do seu principal parceiro estratégico, a China.

## REFERÊNCIAS

ADAM, G. P. A Rússia como grande potência e a parceria estratégica com a China. In: ALVES, A. G. M. P. **O Renascimento de uma potência?: A Rússia no século XXI**. Brasília: IPEA, 2012.

ALVES, A. **O sistema bancário na Rússia entre duas crises**: Uma longa transição. Vinte anos de transformações na Rússia. Brasília: IPEA, 2011.

BM - Banco Mundial. **World Development Indicators**, [online], 2019. Disponível em: <http://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/themes/economy.html> Acesso em: 05 jan. 2019.

BERNIER, P. **Yevgeny Primakov's Operational Code and Russian Foreign Policy**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade de Tampere, Tampere, 2018.

BOFIT - Bank of Finland Institute for Emerging Economies. **Russia Statistics**. [online], 2019. Disponível em <https://www.bofit.fi/en/monitoring/statistics/russia-statistics/> Acesso em: 05 jan. 2019.

CBRF - Central Bank of the Russian Federation. **Statistics**, [online], 2019. Disponível em <https://www.cbr.ru/eng/> Acesso em: 05 jan. 2019.

DUEBEN, B. **China-Russia relations after the Cold War**: The process of institution-building and its impact on the evolution of bilateral cooperation. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) — Department of International Relations, London School of Economics and Political Science, Londres, 2013.

FAS – Federation of American Scientists. **Russian National Security Blueprint**. Washington: [s.n.], 1997. Disponível em: <https://fas.org/nuke/guide/russia/doctrine/blueprint.html>. Acesso em: 18 dez. 2020.

FEDERAÇÃO Russa. Conceito da política externa da Federação Russa. **Ministry of Foreign Affairs of the Russian Federation**, [online], 2013. Disponível em: [https://www.mid.ru/en/foreign\\_policy/official\\_documents/-/asset\\_publisher/CptlCkCB6BZ29/content/id/122186](https://www.mid.ru/en/foreign_policy/official_documents/-/asset_publisher/CptlCkCB6BZ29/content/id/122186). Acesso em: 20 jul. 2020.

FSSS – Federal State Statistical Service. **Statistics of Russia Information and Publishing Center**, [online], 2019. Disponível em <https://www.gks.ruv>. Acesso em: 05 jan. 2019.

GODZIMIRSKI, J. M. Russia and NATO Community of values or community of interests? In: HEDENSKOG, J. *et al.* **Russia as a Great Power Dimensions of security under Putin**. New York: Routledge, 2005. p. 23 – 41.

KACZMARSKI, M. **Russia-China Relations in the Post-Crisis International Order**. New York: Routledge, 2015.

MATTOS, G. H. L. de. **Resistência e deslegitimação**: A relação entre a parceria sino-russa e a ordem internacional no pós-Guerra Fria (1996-2016) – O caso da Síria. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MAZAT, N. **Uma análise estrutural da vulnerabilidade externa econômica e geopolítica da Rússia**. Tese (Doutorado em Economia Política Internacional) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

NOZAKI, W. V.; LEÃO, R. P. F.; MARTINS, A. R. A. A ascensão chinesa e a nova geopolítica das relações sino-russas. In: LEÃO, R. P. F.; PINTO, E. C.; ACIOLY, L. **A China na nova configuração global**: Impactos políticos e econômicos. Brasília: IPEA, 2011. p. 23 – 41.

PECEQUILO, C. S.; LUQUE, A. A. Estados Unidos e Rússia: Convergência e divergência geopolítica (1989 - 2016). **Meridiano 47**, v. 17, p. 01 - 17, 2016.

PEREIRA, T. L. B. A importância dos recursos naturais na modernização econômica, militar e geopolítica da Federação Russa. **Revista de Geopolítica**, v. 4, n. 2, p. 1 – 15, jul./dez. 2013.

POMERANZ, L. A transformação sistêmica na Rússia. **Política Externa**, v. 13, n. 02, p. 103 - 132, 2004.

PRIMAKOV, Y. M. Rather the United Nations Than US Unilateralism. **Spring**, [s.v.], p. 49 - 59, 2004a.

\_\_\_\_\_. **Russian Crossroads**: Toward the New Millennium. Londres: Imprensa Universitária de Yale, 2004b.

RIBEIRO, E. H. A expansão da Organização para a Cooperação de Xangai (OCX): Uma coalizão anti-hegemônica? In: Seminário Internacional de Ciência Política: Estado e Democracia em Mudança no Século XXI, 1., 2015, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: [s.n.], 2015.

SERGEY Lavrov predicts historians may coin new term: Primakov Doctrine. **Russia and India Report**, [online], 29 out. 2014. Disponível em: [http://webarchive.loc.gov/all/20170721023039/https://in.rbth.com/politics/2014/10/29/sergey\\_lavrov\\_predicts\\_historians\\_may\\_coin\\_new\\_term\\_the\\_primakov\\_doc\\_393992014](http://webarchive.loc.gov/all/20170721023039/https://in.rbth.com/politics/2014/10/29/sergey_lavrov_predicts_historians_may_coin_new_term_the_primakov_doc_393992014). Acesso em: 20 jun. 2020.

SCHUTTE, G. R.; DEBONE, V. S. Parceria China e Rússia: bases reais para superar desconfiança histórica. **Revista Carta Internacional**, v. 15, n. 2, p. 28 – 51, 2020.

SERRANO, F.; MAZAT, N. A. Macroeconomia da Federação Russa: Do tratamento de choque à recuperação nacionalista – Uma interpretação. **Revista Tempo do Mundo**, v. 3, p. 217 - 256, 2017.

\_\_\_\_\_. A geopolítica da Federação Russa em relação aos Estados Unidos e à Europa: vulnerabilidade, cooperação e conflito. In: ALVES, A. G. M. P. **O renascimento de uma potência?:** A Rússia no século XXI. Brasília: IPEA, 2012. p. 9 – 50.

SIPRI – Instituto Internacional de Pesquisa de Paz de Estocolmo. **SIPRI Military Expenditure Database**, [online], 2019. Disponível em: <https://www.sipri.org/databases/milex>. Acesso em: 05 jan. 2023.

TSITKILOV, P. I. The 243 Days of Evgenii Primakov. **Russian Politics & Law**, v. 38, n. 02, p. 34 - 51, 2000.

ZHEBIT, A. Sobre a história da política externa da Rússia: o “paradigma” Primakov. **Topoi**, v. 20, n. 41, p. 421 - 455, 2019.